

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO -**  
*Curso de Licenciatura em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica na Modalidade a  
Distância*

**Anexo II**

**ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CURSO**

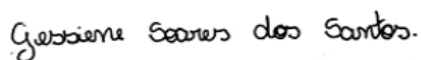
Ao(s) 10 (dez) dia(s) do mês de Novembro de dois mil e vinte e dois, às 20 horas e 00 minutos, reuniu-se a banca examinadora composta pelos docentes: Tatiane Guimarães Sampaio (orientador), Débora Carla de Souza Carvalho (membro), Gessiene Soares dos Santos (membro), para examinar o Trabalho de Curso intitulado “Contos de Fadas – Criação Literária para Fortalecer a Produção Escrita de Alunos do 1º Ano do Ensino Fundamental I” do(a) estudante Maria Conceição Pereira da Silva, Matrícula nº 2018201221350920 do Curso de Licenciatura em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica na Modalidade a Distância. A palavra foi concedida ao(a) estudante para a apresentação oral do TC, houve arguição do(a) candidato pelos membros da banca examinadora. Após tal etapa, a banca examinadora decidiu pela APROVAÇÃO do(a) estudante. Ao final da sessão pública de defesa foi lavrada a presente ata que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora.



Orientador/Presidente da Banca



Membro 1



Membro 2



Acadêmico



## CONTOS DE FADAS - CRIAÇÃO LITERÁRIA PARA FORTALECER A PRODUÇÃO ESCRITA DE ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I<sup>1</sup>

Maria Conceição Pereira da Silva<sup>2</sup>

Tatiana Guimarães Sampaio<sup>3</sup>

### RESUMO

Os contos de fadas têm efeitos positivos nas crianças devido às suas características estruturais e de conteúdo. Eles não apenas proporcionam espaço para a fantasia, mas também proporcionam prazer estético e revelam a natureza interior, com infinitas possibilidades espirituais, morais e psíquicas. Resta espaço para reflexão da prática docente sobre a forma como são realizadas as aulas de leitura e escrita e como isso influencia o corpo discente. Por outro lado, o processo de escrita ainda não acabou. Os alunos devem ter experiências de escrita nas quais possam escrever sobre si mesmos, sobre o que veem e sentem. Além disso, a criação literária deve ser vista como um espaço necessário e fundamental no processo de apropriação da linguagem escrita. O objetivo principal deste artigo foi o de realizar uma revisão de literatura sobre a forma de a leitura de contos de fada, como estratégia pedagógica aliada à criação literária, pode estimular e fortalecer a produção escrita dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental I. A metodologia utilizada foi a revisão de literatura de cunho qualitativo, as publicações tiveram um recorte temporal de 2015 a 2020. No entanto, outras publicações de anos anteriores e que abordavam o tema na íntegra, não foram descartados. Como resultado e conclusão tem-se que o objetivo geral foi parcialmente alcançado, já que há escassez de trabalhos direcionados para essa fase escolar. Mas alguns autores deram seu contributo ao analisarem os contos de fadas sob o prisma do reforço e ensino da leitura e da escrita. Recomenda-se, portanto, que mais estudos com base científica possam ser realizados sobre o tema com o fim de confirmar ou refutar as hipóteses previamente estabelecidas neste artigo.

**Palavras-chave:** Contos de fadas. Ensino Fundamental I. Produção da escrita.

### ABSTRACT

Fairy tales have positive effects on children due to their structural and content characteristics. They not only provide space for fantasy, but also provide aesthetic pleasure and reveal the inner nature with infinite spiritual, moral and psychic possibilities. There remains space for reflection on teaching practice on how reading and writing classes are carried out and how this influences the student body. On the other hand, the writing process is not over yet. Students should have writing experiences in which they can write about themselves, what they see and feel. Furthermore, literary creation must be seen as a necessary and fundamental space in the process of appropriation of written language. The main objective of this article was to carry out a literature review on how reading fairy tales, as a pedagogical strategy combined with literary creation, can stimulate and strengthen the written production of students in the 1st year of Elementary School I. The methodology used was the qualitative literature review, the publications had a time frame from 2015 to 2020. However, other publications from previous years and that addressed the topic in full, were not discarded. As a result and conclusion, the general objective was partially achieved, since there is a shortage of works directed to this school phase. But some authors made their contribution by analyzing fairy tales from the point of view of reinforcing and teaching reading and writing. It is therefore recommended that more scientifically based studies be carried out on the subject in order to confirm or refute the hypotheses previously established in this article.

**Keywords:** Fairy tale. Elementary School I. Writing production.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado na disciplina de TCC III do curso de Licenciatura em Pedagogia (EPT) na Modalidade a Distância, Polo Universidade Aberta do Brasil - UAB, do Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia do Instituto Federal Goiano.

<sup>3</sup> Professora Especialista em Educação pela UCAM - Graduada em Letras e Pedagogia pela UEG.

## 1. INTRODUÇÃO

O tema aborda os contos de fadas como instrumento de criação literária para fortalecer a produção escrita. Entende-se que o educador, por meio da intervenção pedagógica, pode propiciar atividades significativas que levem a uma aprendizagem de sucesso. Para que isso aconteça é necessário que o professor reflita sua prática pedagógica percebendo o aluno mais que um mero executor de tarefa, mas alguém que sente prazer em aprender, e a produção literária, tendo como objeto os contos de fadas, entra no universo da criança dando-lhe liberdade de criar a partir de situações vivenciadas em seu cotidiano.

A delimitação da pesquisa está em pesquisar os contos de fadas como fortalecimento da produção escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental. É certo que o aluno que está no 1º ano do Ensino Fundamental I ainda não amadureceu a sua escrita, porém a produção da escrita poderá ser reforçada por meio de palavras-chave que a criança já conheça.

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018), é documento normativo aprovado em 2017 e que deverá ser colocado em prática, de forma gradativa, no decorrer dos próximos anos. Conforme o documento, a criança deve escutar a história, falar sobre os momentos que mais lhe chamou a atenção, pensar sobre esses momentos e imaginar outras situações que resolvam o conflito e no momento da produção, o professor será o escriba.

Entender a escrita sob este ponto de vista é importante neste projeto, uma vez que a linguagem escrita é considerada uma variável que está diretamente relacionada ao contexto social, e é isso que configura o sistema de escrita. Dessa forma, é necessário que os professores que atuam em turmas do 1º ano do Ensino Fundamental I, apresentem aos alunos o potencial pedagógico e literário dos contos de fadas, mas alguns docentes ainda insistem em um utilizar os contos de fadas apenas como uma forma de manter a sala de aula em silêncio, apenas ouvindo a história e não vislumbrando este instrumento como estratégia pedagógica de estímulo e fortalecimento da produção escrita.

Dessa forma, a pergunta que norteia esse trabalho é a seguinte: de que forma a leitura de contos de fada, como estratégia pedagógica aliada à criação literária, pode estimular e fortalecer a produção escrita dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental I?

As hipóteses são: 1) Os contos de fada têm efeitos positivos no fortalecimento da escrita devido às suas características estruturais e de conteúdo. 2) Eles não só fornecem espaço para a fantasia, mas também revelam a natureza interna de quem escreve com infinitas possibilidades.

O objetivo geral é o de realizar uma revisão de literatura sobre a forma de a leitura de contos de fada, como estratégia pedagógica aliada à criação literária, pode estimular e fortalecer a produção escrita dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental I.

Junto a ele estão os objetivos específicos que são o de conhecer a origem dos contos de fadas e suas características; considerar as funções pedagógicas dos contos de fadas como subsídio necessário ao desenvolvimento das crianças; compreender como os contos de fadas podem ser inseridos de forma organizada no contexto escolar.

Com a invenção da escrita, o ser humano não só conseguiu superar as barreiras do espaço e do tempo para se comunicar com seus pares, mas graças à escrita o pensamento evoluiu para formas analíticas e reflexivas, levando em consideração que é mediadora na estruturação do pensamento e, pela sua qualidade estética, permite construir realidades e dar-lhes sentido.

Desta forma a pesquisa se justifica em contribuir com as instituições de Ensino Fundamental ao apresentar uma revisão de literatura sobre os contos de fadas em turmas do 1º ano do Ensino Fundamental I onde se articulam a linguagem e a expressão escrita, como sistemas simbólicos, culturais, sociais e subjetivos, e práxis educativas.

Está articulada também com o objetivo do curso de Pedagogia do IF, que visa formar docentes críticos, reflexivos e autônomos que transformam contextos de convivência, ocupando assim um espaço importante no processo ensino-aprendizagem. Este trabalho também se propõe a posicionar a linguagem escrita como um elemento importante que contribui para o desenvolvimento e conhecimento pessoal e coletivo e que realmente significa algo para o aluno/escritor.

Bruno Bettelheim, educador e terapeuta infantil, dá força a nossa proposta de trabalhar a literatura, em seu livro “A psicanálise dos contos de fadas” (BETTELHEIM, 1980). Como terapeuta, Bettelheim relata suas experiências e sua tarefa de encontrar alternativas e caminhos para ajudar crianças no seu desenvolvimento, a fim de capacitá-las a enfrentar seus conflitos, seus medos, suas angústias.

O trabalho está assim estruturado: no capítulo 1 são feitas as considerações iniciais sobre o tema em questão, salientando a pergunta que a norteia, as hipóteses, os objetivos, e, por fim, a justificativa. No capítulo 2 segue o referencial teórico com as considerações dos autores que discorrem sobre a origem dos contos de fadas e suas características, bem como as funções pedagógicas dos contos de fadas como subsídio necessário ao desenvolvimento das crianças, além da compreensão de como os contos de fadas podem ser inseridos de forma organizada no contexto escolar.

O capítulo 3 aborda a metodologia utilizada para a escritura do artigo. No capítulo 4, são descritos os resultados e feita a discussão dos principais resultados contidos nesta revisão. E por último, mas não menos importante, são realizadas as considerações finais com um apanhado geral e com as considerações da autora deste trabalho.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Origem dos contos de fadas e suas características**

De acordo com Falconi e Farago (2015), originalmente as histórias eram contos anônimos e populares que eram contadas em casa ao redor do fogão. Eram histórias orais que chegavam até as crianças pela mão dos compiladores. Na Europa, a prática de coletar contos populares espalhou-se. Na Espanha, Don Juan Manuel, filho do Conde Lucanor; na Itália, Boccaccio e *The Decameron*; na Inglaterra, todos eles, no século XIV.

Portanto, embora esses contos escritos por determinado autor, e não mais coletados da cultura popular, tragam temas universais, originados do inconsciente coletivo, eles também refletem conteúdos presentes no inconsciente pessoal de cada escritor, acabando por revelar aspectos de sua própria personalidade. (BABO, 2016, p. 50)

O gênero contos de fadas foi citado pela primeira vez por escritores da Renascença, como Giovanni Francesco Straparola e Giambattista Basile, e se estabilizou por meio das obras de escritores que vieram após, como Charles Perrault e os irmãos Grimm. A tradição oral do conto de fadas, entretanto, veio muito antes da página escrita.

Segundo Pessolato e Bronzatto (2014), os contos de fadas como gênero tornaram-se popular entre a nobreza francesa do século XVII, e entre os contos contados estavam os Contos de Charles Perrault (1697), que fixou as formas de 'Bela Adormecida' e 'Cinderela'. Perrault em grande parte, lançou as bases para esta nova variedade literária, com alguns dos melhores de seus trabalhos, incluindo 'Gato de Botas', 'Chapeuzinho Vermelho' e 'Barba Azul'.

Outros contistas do gênero bastante retratados na literatura infantil são os contos de fadas ou de encantamento dos Irmãos Grimm. Consoante ao disposto, Arena (2016) sustenta que o trabalho dos Irmãos Grimm influenciou outros escritores, e com seus princípios estabelecidos afetaram fortemente o avanço dos estudos folclóricos. Eles incorporaram a fidelidade à sua literatura, sem o uso de complementos, e embora fosse óbvio que eles não praticavam o que pregavam, o estilo de sua literatura, uma moralidade idealizada, estava

muito mais próximo da realidade. Entre os influenciados estavam o norueguês Peter Christen Asbjørnsen (1842-3), o russo Alexander Afanasyev (1855-63) e o inglês Joseph Jacobs (1890).

Simultaneamente a tais desenvolvimentos, escritores como Hans Christian Andersen e George MacDonald continuaram a tradição de escrever contos de fadas literários originais. O trabalho de Andersen às vezes se baseava em contos folclóricos antigos, mas com mais frequência elaborava temas e enredos de contos de fadas em novas histórias; por exemplo, em „A Pequena Sereia“, „O Patinho Feio“ e „As Novas Roupas do Imperador“.

Os contos de fadas ainda são escritos atualmente, atestando sua enorme popularidade e longevidade cultural. Além de sua longa e diversa história literária, essas histórias também foram impressionantemente ilustradas por alguns dos melhores artistas do mundo.

Segundo Bettelheim (1985 p. 13 *apud* ARENA, 2016) os contos atuais ainda têm certo charme, mas são carregados de interrogações, segundo o autor:

É comum supor que todos os contos de fadas são histórias da tradição popular, transmitidas de geração em geração por contadores de histórias desde o início dos tempos. Embora seja verdade que a maioria dos contos de fadas tem suas raízes no folclore oral, em maior ou menor grau, muitas das histórias mais conhecidas na verdade vêm de fontes literárias. (BETTELHEIM 1985 p. 13 *apud* ARENA, 2016, p. 14)

De acordo com Babo (2016), os contos de fadas podem transmitir importantes mensagens à mente e guardá-las tanto no consciente quanto no inconsciente. Estas estórias mexem com o imaginário da criança e faz com ela se reporte ao mundo dos contos de fadas, pois estes lidam com os problemas que a cercam.

Para Drago et al. (2016), atualmente a tecnologia avança de forma acelerada em diversos setores, inclusive na educação, por isso as atividades lúdicas, como o conto de fadas, não podem ser esquecidas no cotidiano escolar, visto que a alternativa de trabalhar de maneira lúdica em sala de aula, se aplicada de forma correta, pode ser bastante compensadora.

Uma das características dos contos de fadas é a ludicidade. A isso Rocha e Maciel (2020) diz que:

Os contos de fadas vêm servindo como recurso pedagógico de instrução e ludicidade ao longo dos tempos. A leitura dos contos de fadas contribui para o desenvolvimento cognitivo e linguístico da criança. O convívio com a tecnologia não reduz o encantamento dos contos lidos, ainda ensina através do mundo mágico, do simbólico, transformando os fatos e sentimentos pelo caminho da arte. (ROCHA; MACIEL, 2020, p. 01)

Percebe-se desse modo que lendo a criança aprende brincando e com muito mais prazer, pois a leitura é o caminho pelo qual as crianças compreendem o mundo em que vivem. É uma oportunidade de desenvolvimento, pois a criança experimenta, descobre, inventa, exercita, vivendo assim uma experiência que enriquece sua sociabilidade e a capacidade de se tornar uma pessoa criativa.

Os contos de fadas não apenas auxiliam no desenvolvimento infantil, mas também oferecem uma rica fonte de material a partir de uma maneira terapêutica. Isso fornece uma ótima maneira de acessar a imaginação das crianças, explorando memórias de contos de fadas e usando-as para lidar com questões dolorosas ou inquietantes de uma maneira lúdica e não ameaçadora.

A maioria das histórias começou e ainda é propagada por meio de tradições orais, que ainda estão muito vivas em certas culturas. Especialmente nas regiões rurais, mais pobres, a narração de contos - de aldeia em aldeia, ou de mais velho para mais jovem, preserva a cultura e os costumes, enquanto ainda permite que o contador varie, embeleze ou adapte a história como achar melhor.

De acordo com Gomes (2019), originalmente as histórias eram contos anônimos e populares que eram contadas em casa ao redor do fogão. Eram histórias orais que chegavam até as crianças pela mão dos compiladores. Na Europa, a prática de coletar contos populares espalhou-se. Na Espanha, Don Juan Manuel, filho do Conde Lucanor; na Itália, Boccaccio e *The Decameron*; na Inglaterra, todos eles, no século XIV.

Conforme Gomes (2019), há poucas publicações sobre o surgimento real dos contos de fadas, pois na maioria das vezes, apenas as formas literárias estão disponíveis para os estudiosos. Ainda assim, a evidência escrita indica que os contos de fadas existem há milhares de anos, embora talvez não fossem reconhecidos como um gênero textual.

Conforme o abordado acima, uma das características dos contos de fadas é a criatividade. A isso Kraemer (2021, p. 28) diz que:

O professor deve estimular o raciocínio da própria criança: esperar que ela mesma tente criticar a história e tirar dela a conclusão que achar pertinente. Ele pode, logicamente, dizer o que acha da história, mas deve esperar que as crianças tenham um tempo para elas mesmas pensarem.

Percebe-se desse modo que lendo ou ouvindo a história, a criança desperta a sua criatividade, pois a leitura é a chave prodigiosa da informação, da cultura, do mundo da ficção, da fantasia. É uma oportunidade de desenvolvimento, pois é nos momentos da leitura



que a criança dá asas à sua imaginação e à criatividade, e para que o momento da história possa ser compartilhado será necessário que o professor prepare o ambiente de acordo com o tema dos contos.

Do ponto de vista de Kraemer (2021), outra característica dos contos é a preparação do ambiente. O professor deve pensar no ambiente em que será contada a história, se o tema estiver relacionado à preservação do meio ambiente o docente poderá utilizar a história da Chapeuzinho Vermelho e trazer a importância em preservar tudo o que se relaciona com a fauna e com a flora.

Sob a perspectiva de Kraemer (2021), para que o professor estimule a compreensão das crianças ele pode iniciar com as experiências dos pequenos. Este fator é importante para que eles se sintam dentro da história. O uso de experiências ou estratégias que as crianças não podem relacionar ao ambiente tornará mais difícil para elas entenderem as informações.

## **2.2 Funções pedagógicas dos contos de fadas**

As ações do professor quando chega o momento da leitura definirá o tipo de leitor que se quer formar. De acordo com Silva Júnior e Brito (2020) os contos de fadas recheiam o momento da leitura e da aprendizagem da criança. Se esse momento for tratado com característica de ludicidade torna-se mais enriquecedor.

Segundo Lajolo e Zilberman (2007):

Assim, pode-se dizer que o método de contar histórias de contos de fada é benéfico, pois pode inculcar caráter na criança e proporcionar bem-estar positivo para o desenvolvimento infantil, principalmente nos níveis moral, emocional e social. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 23)

As atitudes do professor quando chega o momento da leitura definirá o tipo de leitor que se quer formar. De acordo com Souza e Borges (2016, p. 24):

Quando a criança chega à escola, é preciso que a leitura de textos literários seja incorporada às práticas diárias da sala de aula, pelo fato de possuírem uma variável de propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações evidenciadas nesse tipo de texto.

De acordo com Oliveira e Santos (2020), é no brincar de fantasiar a leitura que o professor concretiza o ensino com o objetivo da aprendizagem. A introdução dos contos de fadas na vida escolar do educando é uma maneira muito eficaz de penetrar no universo

infantil para repassar conhecimentos e toda a interação do universo adulto.

Segundo Lajolo e Zilberman (2017, p. 156):

Há séculos, personagens com o recorte de fantasia frequentam a cultura: mitos, lendas, relatos religiosos, epopeias, contos de fadas. De todo modo, fantasia tornou-se recentemente o termo empregado para indicar produções literárias e não literárias, verbais e não verbais que apareceram nas últimas décadas do século XX e primeiras do XXI. No campo da produção infantojuvenil.

Pois bem, se uma criança desenvolve seu lado criativo e o potencializa no ambiente escolar com certeza essa criança terá absorvido a aprendizagem e correspondido com os anseios do professor. O que os professores devem perceber é que o ensino mudou, os métodos de ensino mudaram juntamente com o ensino e esses métodos são os condutores de uma aprendizagem focada no que o aluno precisa aprender e não o que o professor quer ensinar.

Sabe-se que os professores, com algumas exceções, ainda não aceitam as inovações no sistema educacional principalmente quando o assunto é ensinar crianças, acabou-se o tempo em que os pais levavam os filhos para a escola para tão somente brincar, hoje o que se vê são escolas pautadas no compromisso em ensinar e, acima de tudo, compreendem que a criança aprende muito mais brincando do que estudando.

Antes de começar falando sobre as teorias de Vygotsky (2014) é estratégico condensar suas ideias com esse pensamento:

O adulto produz seu conhecimento por meio do trabalho, e a criança o produz, brincando. A criança, ao mesmo que faz as suas atividades em sala de aula ela brinca e se diverte. É nesse contexto que as regras são apresentadas aos pequenos em que os jogos e brincadeiras são normalizados dentro do contexto escolar. (VYGOTSKY, 2014, p. 74)

Considerando os contos de fadas como uma estratégia para que a criança invente sua própria história, o autor supracitado coloca o prazer em brincar como uma ferramenta de aprendizagem. Com isso, o autor quer dizer que os adultos conduzem de maneira direta e real sua aprendizagem vida a fora, já a criança precisa desse “brincar aprendendo” para encontrar-se e socializar-se com o mundo externo.

Nota-se que a criança não deve ser considerada como um ser alheio ao mundo em que vive, os contos de fadas a instrui a partir do momento em que ela, não fugindo do seu mundo real, traz para seu mundo infantil as histórias lidas e que lhe causaram prazer.

Vygotsky (2014) fala ainda do desenvolvimento proximal da criança, quanto mais a

criança se aproxima do brinquedo mais ela aprende, quanto maior for o contato maior será a apreensão. O autor deixa claro que relacionar brinquedo e prazer é arriscado, pois há coisas muito mais prazerosas para a criança em fase de aprendizagem do que o brinquedo propriamente dito.

Ao brincar a criança começa no plano imaginário e sempre acaba transferindo esse imaginário para uma situação real. Uma situação vivenciada pela criança em determinado momento a inspirará a transferir tais acontecimentos para seu imaginário, claro que no imaginário essa situação estará, a princípio, isenta de regras e na medida em que as ações lúdicas se intensificam as regras surgem não como imposição, mas como meio de interação. É na leitura dos contos de fadas que a criança projeta sua realidade e deixa sua imaginação fluir assim ela cria oportunidades de desenvolver o cognitivo liberando as emoções.

### **2.3 Contos de fadas no contexto escolar**

Os efeitos da leitura dos contos de fadas na aprendizagem e no desenvolvimento têm sido de grande interesse para os estudiosos do desenvolvimento infantil e de aprendizagem. A leitura de contos está também nos meios eletrônicos, mas esta ferramenta é pouco utilizada pelos alunos com o fim pedagógico e a isso revelam Drago *et al.* (2016), com a maior proximidade das crianças às novas tecnologias e na medida em que crescem elas tendem a gastar menos tempo nas brincadeiras relacionadas à leitura e mais tempo em jogos esportivos e/ou virtuais.

Gomes e Silva (2019) assinalam que nas atividades virtuais ou nos jogos esportivos as crianças têm de seguir o estabelecido por regras e raramente têm a oportunidade de discutir, negociar ou alterar essas regras. Quando aprendem a criar suas histórias a criança segue o seu curso natural e baseia-se na função do lúdico, as crianças recebem uma oportunidade para desenvolver e aplicar suas habilidades sociais e autorregulação. Quando a brincadeira é completamente substituída por esportes ou outras atividades organizadas, no entanto, essas habilidades importantes podem não se desenvolver plenamente.

Há que se dizer também que o uso excessivo do celular em situação do jogo, pode atrapalhar o desenvolvimento da criança. Busca-se esta confirmação pela perspectiva da psicogenética walloniana a qual afirma que os momentos de desenvolvimento da criança, são momentos conflituosos marcados pelo crescimento emocional e racional. Ferreira (2020) ressalta que Wallon (1975) defendia a ideia de que toda criança deve ser estudada no todo, desde sua vida iniciada no útero materno até a sua fase adulta, cada etapa ou estágio desse

desenvolvimento é assinalada por momentos que podem ou não acompanhar a criança para o resto da vida.

Para Wallon (1975 *apud* FERREIRA, 2020, p. 20), “O desenvolvimento do ser humano é como uma construção progressiva em que se sucedem fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva”. Correlacionar essas etapas ao ato da leitura não será difícil, pois a própria criança inventa suas histórias criando assim momentos de aprendizagem embora esses momentos não possam ser deliberados à criança como sendo institucional (educativo), ou seja, a criança fantasia suas próprias histórias para seguir seu instinto e porque acha divertido e não porque quer aprender com as fantasias por ela inventadas ou recriadas.

Segundo Gomes e Silva (2019), os educadores, em sua maioria, em busca de resultados concretos deixam de lado no currículo, os contos de fadas. As autoras apontam que alguns estudos mostram que quando as crianças são devidamente apoiadas em suas criações, o ato de criar histórias não atrapalha a aprendizagem, pelo contrário, contribui para que ela aconteça. Os efeitos da leitura dos contos de fadas na aprendizagem e no desenvolvimento têm sido de grande interesse para os estudiosos do desenvolvimento infantil e de aprendizagem.

Piaget (1975) e Vygotsky (2007) foram os primeiros pesquisadores a relacionarem a leitura ao desenvolvimento cognitivo. Em uma análise global dos inúmeros estudos sobre o ato de ler, os pesquisadores encontraram evidências de que esse momento contribui para avanços na verbalização, linguagem, vocabulário compreensão, atenção, imaginação, concentração, controle do impulso, a curiosidade, estratégias de resolução de problemas, empatia, cooperação e participação do grupo. É na pré-escola que as crianças experienciam e se aproximam dos contos de fadas e aprendem com eles ao mesmo tempo em que se divertem, talvez os professores de outras séries não valorizem o momento da leitura tratando-o como mera ferramenta de conteúdo.

Na teoria piagetiana, segundo Souza (2020), as fases da leitura na escola insurgem gradualmente à medida que a criança passa da infância para a pré-escola. No início, as crianças estão mais voltadas para os objetos reais que elas usam quando leem. Mais tarde, centram-se nos objetos como interação social e começam a desenvolver brincadeiras mais complexas, com várias funções e usos simbólicos.

Para Almeida (2020) muitas crianças na fase pré-escolar ainda não desenvolveram o raciocínio e se mantêm no método da repetição. A autora chama essa fase de ação repetitiva, sem imaginação. Percebe-se aí que a criança, nessa fase, tem atitudes copistas, ela copia o que

vê ou repete o que ouve.

#### **2.4 A leitura de contos de fada como estímulo e fortalecimento da produção escrita dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental I**

A leitura deve ser proposta como um ato dinâmico, vivo, permitindo que os alunos apreendam o significado mais profundo do que leem. A leitura não termina em um ato de memorização e no cumprimento de uma obrigação, mas é uma maneira para que os alunos possam conhecer outros mundos, outras realidades que permitem trazer a sua experiência.

Segundo Leal e Nascimento (2019), Freire (1989) defendia que o ato de escrever é uma combinação complexa de habilidades que é melhor ensinada decompondo o processo. Assim, a escrita envolve uma série de etapas a serem seguidas na produção de um texto e que tem início com a leitura.

Essa leitura e escrita a que Freire tanto defendia fazem parte do processo de cognição da criança que desenvolve primeiro a leitura oral (mundo) para depois decifrar os códigos linguísticos. O prazer em ler e escrever está na liberdade em fazê-lo, como dizem Leal e Nascimento (2019).

Os leitores se multiplicaram, os textos escritos se diversificaram, apareceram novos modos de ler e de escrever. Os verbos ler e escrever deixaram de ter definições imutáveis: não designavam e nem tão pouco designam hoje em dia atividades análogas. Ler e escrever são construções sociais e democráticas. Cada época e cada circunstância histórica dão novos sentidos a esses verbos.

Silva e Guedes (2018), remetem a Ferreiro e Teberosky (2003) quando as autoras consideram que a democratização da leitura e da escrita se viram acompanhadas de uma incapacidade radical para fazê-las efetivas: criaram uma escola pública obrigatória, precisamente para dar acesso aos inegáveis bens do saber contidos nas bibliotecas, formar o cidadão consciente de seus direitos e suas obrigações, mas a escola não se separou da antiga tradição: ensinar por meio de técnicas.

A leitura e a escrita são agora uma das principais preocupações de muitos professores pela importância que estes processos representam para a aprendizagem, já que a falta de domínio dos mesmos gera obstáculos para ascender ao conhecimento e à informação em geral.

Segundo Silva e Guedes (2018) a capacidade da leitura e da escrita dá aos seres humanos a capacidade de comunicar e partilhar com os outros as suas ideias, crenças,

emoções e sentimentos através de diferentes sistemas de signos que podem gerar tal capacidade para cumprir esta finalidade. Assim, por meio do processo de troca de experiências os sujeitos envolvidos em determinados contextos sociais se interagem uns com os outros.

Assim, a linguagem escrita é considerada importante porque não só é uma ferramenta cognitiva, na medida em que contribui para o desenvolvimento do pensamento e da aquisição de conhecimentos, mas também como um meio de comunicação e expressão que permite interagir com o outro com propriedade e compreensão da realidade.

Escrever e ler são atividades conduzidas paralelamente. De acordo com Silva e Guedes (2018) ensina-se a ler letras, famílias silábicas, palavras, frases e textos. Na prática de alfabetização se dá mais atenção à escrita do que a leitura. Isso acontece para que a escola saiba como avaliar os acertos e erros de escrita para facilitar a leitura principalmente quando a criança lê em silêncio.

Porém, ler principalmente nos primeiros anos escolares é uma atividade tão importante quanto a produção espontânea de texto, pois no mundo que se vive é necessário saber pelo menos ler placas, números, nomes, documentos, entre outros. Em todos os espaços, sejam eles públicos ou não, estão repletos de mensagens. Sejam elas verbais e não verbais, desta forma é preciso entender o que está intrínseco ou extrínseco a essas mensagens.

Aprender a ler é mais fácil que aprender a escrever. A criança que já tem contato com histórias lidas por alguém aprende a decifrar os sons das letras, e se já tem conhecimento com pequenos textos, ou sabe alguma canção de cor, provérbios, adivinhações, passa a ter outro tipo de contato com a escrita, saberá o que é a escrita e qual sua função.

Ferreiro e Teberosky (2003, p. 57 *apud* SILVA; GUEDES, 2018), salientam que a leitura é uma maneira de se aprender a escrever e descobrir a forma ortográfica das palavras. Na escola o domínio da leitura pelos alunos é fundamental para que o professor saiba como interferir para provocar novas aprendizagens. É a porta de entrada para se alcançar o sucesso na escrita ortográfica, entretanto para se chegar à perfeição na escrita é preciso que o aluno leia o que escreveu e encontre possíveis erros, ou seja, deve ser o próprio revisor do texto. Assim, a criança ao sair da etapa escolar anterior, dar-se-á conta de que a linguagem oral é diferente da linguagem escrita, e embora tenha relações, nem sempre se escreve como fala.

Silva (2019) destaca que o uso literário da linguagem escrita é o mais sublime a que aspira o letrado. Por isso, seu desenvolvimento desde cedo é vital. Segundo Vigotsky (2014, p. 78): “Em relação ao uso literário, existem diferentes propostas que motivam e atraem a atenção da criança, como os textos narrativos e os textos poéticos. É importante que desde a

infância entremos em contato com o estudante com literatura”. Para uma criança, a fantasia é a chave para compreender o mundo real. A fantasia é gratuita e depende da criança, assim como a literatura. A fantasia permite que a criança imagine e o adulto crie. Encontramos uma relação direta entre fantasia,

imaginação, criatividade, leitura e escrita.

Como diz Vygotsky (2014, p. 55), “Desde cedo, as crianças dominam muito mais a expressão oral do que a escrita, e é importante que o ambiente, e principalmente a escola, ajude a promover a escrita e esse interesse literário”. Para isso, como reflete Silva (2019), o conhecimento das histórias contidas nos contos de fadas é essencial, tanto por parte dos professores como das crianças.

As crianças do 1º ano do Ensino Fundamental anos iniciais, podem ler e escrever quando saem da Educação Infantil, mas o fazem à sua maneira, a partir daí, elas começam a explicitar sua intenção. Para elas, a leitura e a escrita são direcionadas para e sobre o seu meio, portanto quando manuseiam as letras não o fazem de forma segmentada, mas sim geram situações significativas que levam a enfatizar cada uma delas.

É importante respeitar as diferentes fases da escrita em que cada criança se encontra. Elas criam suas próprias hipóteses e assim encontram sentido no que escrevem, começam por usar as letras que conseguem decodificar e, aos poucos, vão relacionando-as com o código alfabético, descobrindo motivos válidos para seu uso.

Os pequenos não planejam o que escreverão e, por meio dos contos, realizam atividades que ajudam a desenvolver a coordenação motora e a prepará-los para o domínio de seus movimentos finos, para que depois possam escrever com habilidade. Eles gostam dessa forma de trabalhar e isso os motiva.

### **3. METODOLOGIA DA PESQUISA**

O estudo foi uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa, quanto a essa abordagem, todo objeto de estudo apresenta especificidades, pois ele: a) é histórico – está localizado temporalmente, podendo ser transformado; possui consciência histórica

– não é apenas o pesquisador que lhe atribui sentido, mas a totalidade dos homens, na medida em que se relaciona em sociedade, e confere significados e intencionalidades a suas ações e construções teóricas; c) apresenta uma identidade com o sujeito – ao propor investigar as relações humanas, de uma maneira ou de outra, o pesquisador identifica-se com ele; d) é intrínseca e extrinsecamente ideológica porque “veicula interesses e visões de mundo

historicamente construídas e se submete e resiste aos limites dados pelos esquemas de dominação vigentes” (LIMA; MIOTO, 2007, p. 39); e) é “essencialmente qualitativa já que a realidade social é mais rica do que as teorizações e os estudos empreendidos sobre ela, porém isso não exclui o uso de dados quantitativos” (LIMA; MIOTO, 2007, p. 39).

Quanto a natureza ela foi básica, porque partiu-se de um referencial teórico para que fossem formuladas novas teorias ou modificadas as existentes. Pode-se dizer, também que a pesquisa bibliográfica aumentou o conhecimento científico da aluna/pesquisadora sobre a temática escolhida.

Quanto a classificação da pesquisa em relação aos objetivos ela foi exploratória, pois facilitou a familiaridade com o problema objeto da pesquisa, o que permitiu a construção de hipóteses e tornou a questão mais clara. E seu objetivo foi o de levantar informações sobre o fenômeno e não obter dados estatísticos.

O tipo de pesquisa foi a bibliográfica, segundo Lima e Miotto (2007, p. 38) citam que: “A pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso não pode ser aleatório”.

Pode-se inferir que, a pesquisa bibliográfica é caracterizada por uma abordagem sintética. Isso significa que ela propõe, de maneira concreta, elementos indispensáveis para entender o que o pesquisador está interessado em estudar. Desta forma, ela apresenta novos conceitos e novas teorias que servirão como abordagem para que, ao final, os resultados possam confirmar ou refutar a hipótese previamente estabelecida.

A pesquisa perpassou por todos os caminhos de uma pesquisa bibliográfica, primeiro foi feita uma busca em publicações no Google Acadêmico, em revistas e jornais eletrônicos, além de monografias dissertações e teses. Fez-se um estudo minucioso utilizando como motor de busca as palavras-chave: contos de fadas, leitura, escrita, Ensino Fundamental I, prática pedagógica. Após isto, foram feitas a inclusão e exclusão das publicações.

Como critério de inclusão foram utilizadas publicações com o recorte de tempo de 2015 a 2020, entretanto as que não estiveram dentro deste período, mas trouxeram relevância para esta pesquisa, foram analisadas. Quanto aos idiomas, as pesquisas foram feitas preferencialmente em português. Feitas as escolhas, foi realizado fichamentos das publicações enfatizando a metodologia utilizada, os resultados encontrados e a conclusão a que chegou o autor ou atores das obras analisadas.

Assim, para que o estudo tivesse êxito, a bibliografia teve como base autores que trataram sobre o tema como Vygotsky (2014), Falconi e Farago (2015), Lajolo e Zilberman (2017), Silva (2019), Oliveira e Santos (2020), além de documentos como a Lei de Diretrizes



e Base da Educação Nacional (LDBN).

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ao buscar, ler e analisar os artigos escolhidos para a elaboração deste trabalho percebeu-se que pouco, ou quase nada, fala-se sobre os contos de fadas como fortalecimento da produção escrita de crianças que estão no 1º ano dos anos iniciais do ensino fundamental.

Entretanto alguns autores como Gomes e Silva (2019), deram seu contributo ao enfatizar que muitos educadores, em sua maioria, em busca de resultados concretos deixam de lado no currículo, os contos de fadas. Segundo as autoras, alguns estudos mostram que quando as crianças são devidamente apoiadas em suas criações, o ato de criar histórias não atrapalha a aprendizagem, pelo contrário, contribui para que ela aconteça.

Piaget (1975) e Vygotsky (2007) foram os primeiros pesquisadores a relacionarem a leitura ao desenvolvimento cognitivo. Em uma análise global dos inúmeros estudos sobre o ato de ler, os pesquisadores encontraram evidências de que esse momento contribui para avanços na verbalização, linguagem, vocabulário compreensão, atenção, imaginação, concentração, controle do impulso, a curiosidade, estratégias de resolução de problemas, empatia, cooperação e participação do grupo.

Em um estudo revisional de Silva Júnior e Brito (2020), os resultados encontrados tiveram as narrativas de que os professores usam os contos de fadas como forma de ensino, em que a história entra como elemento fundamental. A partir do currículo escolar dos anos iniciais do ensino fundamental, com a história, as crianças podem se identificar com os personagens, imaginarem-se em diferentes situações, por isso deve ser narrada imitando vozes com diferentes timbres, tons e sem interrupções. Nas observações, a maioria dos professores conta a história de forma criativa e com entonação adequada, mas interrompe para chamar a atenção das crianças, fazendo com que elas percam a continuidade e o interesse, dispersando a atenção e perdendo o sentido.

Em outro estudo, o de Oliveira e Santos (2020), em que as autoras pesquisaram o cotidiano de duas professoras na sala de aula, teve como resultados que os contos de fadas se destacam como uma estratégia para o hábito da leitura a fim de contribuir para a competência criativa e analítica para a educação dos alunos da rede municipal de Montes Claros, Minas Gerais. As autoras descobriram ainda que o cotidiano da leitura existe somente na escola e que em casa as crianças não têm esse hábito. Ao final, as autoras concluíram que os contos de fadas melhoram a expressão oral e escrita e torna o uso da linguagem mais fluente, aumentando o vocabulário e melhorando a ortografia, o que facilita a exposição do próprio

pensamento e promove a educação participativa.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Quando as crianças escrevem sobre suas próprias vidas, seus interesses e algo que conhecem, a motivação para escrever realmente aumenta. Ao escreverem livremente, não por obrigação ou no espírito de obter uma nota, os alunos são liberados da tensão e podem ver a escrita como um processo recreativo, até mesmo introspecção e catarse.

A escola deve oferecer aos alunos espaços de escrita literária, pois esses espaços os estimulam a se explorar e a se conhecer como escritores. Especialmente quando não há esse hábito em seu dia a dia, ou os alunos ficam distraídos ou ocupados fora da escola e suas práticas literárias e de escrita livre às vezes cessam.

A escola e as famílias devem trabalhar em conjunto para apoiar as crianças na transição da linguagem oral para a escrita. Os pais ou responsáveis e a comunidade educacional devem apoiar e motivar as crianças a escreverem sem pressão e sobre o que desejam, até que adquiram a cultura escrita como uma prática autônoma e significativa.

Os contos de fada têm efeitos positivos nas crianças devido às suas características estruturais e de conteúdo. Eles não apenas fornecem espaço para a fantasia, mas fornecem um prazer estético e inconsciente, como foi analisado. Os contos revelam a natureza interna da criança, com infinitas possibilidades espirituais, morais e psíquicas.

Pode-se concluir que o objetivo geral foi parcialmente alcançado, já que há escassez de trabalhos direcionados para essa fase escolar. Mas alguns autores deram seu contributo ao analisarem os contos de fadas sob o prisma do reforço e ensino da leitura e da escrita. Recomenda-se, portanto, que mais estudos com base científica possam ser realizados sobre o tema com o fim de confirmar ou refutar as hipóteses previamente estabelecidas neste artigo.

Outra recomendação é a de que haja espaço para reflexão a partir da prática docente sobre a forma como são realizados os momentos de leitura e escrita e como isso influencia o corpo discente. Por outro lado, o processo de escrita ainda não acabou. Os alunos devem continuar a ter experiências de escrita nas quais possam escrever sobre si mesmos, o que veem e sentem. Além disso, a criação literária deve ser vista como um espaço necessário e fundamental no processo de apropriação da linguagem escrita.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. L. B. **Colaboração, um caminho para a criatividade infantil**. 2020. 74 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto-PT, 2020.
- ARENA, P. R. **Publicidade e propaganda complexidade narrativa em *Once Upon a Time*: análise das personagens Emma e Regina**. 2016. 139 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio Grande Do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Departamento de Comunicação Curso de Comunicação Social, Porto Alegre, 2016.
- BABO, C.C.H. *Era uma vez...outra vez: a reinvenção dos contos de fada*. Curitiba: Appris, 2016.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlene Caetano. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Consulta Pública. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018.
- DRAGO, V. S. R.; MORAES, C. F. B.; COSTA, C. S. A tecnologia nos anos iniciais: novas possibilidades de aprendizagem a partir do gênero contos de fadas. **Revista Tecnologias na Educação**, v. 8, n. 14, jul. 2016.
- FALCONI, I. M.; FARAGO, A. C. Contos de Fadas: origem e contribuições para o desenvolvimento da criança. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro- SP, v. 2, n. 1, p. 85-111, 2015.
- FERREIRA, I. G. Desenvolvimento integral da criança na perspectiva de Henri Wallon: da história social da infância à educação infantil. 2020. 18 f. Artigo Científico (Especialização em Educação e Trabalho Docente) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano - Campus Trindade, Trindade-GO, 2020.
- GOMES, E. **A arte de narrar histórias**. São Paulo: Editora Senac, 2019.
- GOMES, L. S.; SILVA, C. Y. G. Da fantasia à realidade: os contos de fadas no contexto escolar. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 49, p. 99-115, dez. 2019.
- KRAEMER, M. L. **Histórias infantis e o lúdico encantam as crianças** [livro eletrônico]: atividades lúdicas baseadas em clássicos da literatura infantil. Campinas, SP: Autores Associados, 2021.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira: uma nova/outra história**. Curitiba: PUCPress, 2017.
- LEAL, S. R. F.; NASCIMENTO M. I. M. A importância do ato de ler: aproximações e distanciamentos teórico-metodológicos em Paulo Freire. **Pro-Posições**, Campinas-SP, v. 30, e20180024, p. 1-23, 2019.
- LIMA, T.C.S.; MIOTO, R.C.T. **Procedimentos metodológicos na construção do**

**conhecimento científico:** a pesquisa bibliográfica. Rev. Katál. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45, 2007.

PESSOLATO, L.; BRONZATTO, M. As Transformações dos Contos de Fadas e o Surgimento da Infância. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 5, n. 1, 2014.

OLIVEIRA, G. C.; SANTOS, F. A. A literatura infantil, os contos de fadas e as práticas pedagógicas alfabetizadoras. **Revista Saberes Docentes**, Juína-MT, v. 5, n. 9, jan./jun. 2020.

ROCHA, A. V. V.; MACIEL, K. A. Fairy Tales: Contributions to the Literacy and Literacy Process. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 10, p. 1-12, out. 2020.

SILVA, E. D.; GUEDES, S. M. R. Letramentos em discussão: Letramento crítico no ensino e na aprendizagem de línguas: (im)possibilidades da contemporaneidade. In: PAIVA, F. J. O.; SILVEIRA É. L. (org.). **O Ensino na Educação Básica: diálogos entre sujeitos, saberes e experiências docentes**. São Carlos: Pedro & João Editores.2018. v. 1, cap. 1, p. 24-37.

SILVA JÚNIOR, D. R.; BRITO, A. E. Os contos de fada como estratégias de leitura dos educandos nos anos iniciais. Cogite 6, 2020, Colóquio sobre Gêneros e Textos. **Anais Eletrônicos**, 2020.

SILVA, J. F. **A contribuição da leitura de histórias infantis no processo ensino aprendizagem em João Pessoa – PB**. 2019. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

SOUZA, A.P.C.; BORGES, D.B. **Reflexão sobre a leitura dos contos de fadas na Educação Infantil:** uma análise pedagógico-literária relativa às esferas pública e privada. 2016. 81 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Faculdade Calafiori, São Sebastião do Paraíso, 2016.

SOUZA, A. S. Mochiloteca: um estudo de caso no bairro Lomba do Pinheiro. 2020. 57 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, 2020.

VYGOTSKY, L. S. **Imaginação e Criatividade na Infância**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

# TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano a disponibilizar gratuitamente o documento em formato digital no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

## IDENTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Tese (doutorado)            | <input type="checkbox"/> Artigo científico              |
| <input type="checkbox"/> Dissertação (mestrado)      | <input type="checkbox"/> Capítulo de livro              |
| <input type="checkbox"/> Monografia (especialização) | <input type="checkbox"/> Livro                          |
| <input type="checkbox"/> X TCC (graduação)           | <input type="checkbox"/> Trabalho apresentado em evento |

Produto técnico e educacional - Tipo:

Nome completo do autor:

Matrícula:

Título do trabalho:

## RESTRIÇÕES DE ACESSO AO DOCUMENTO

Documento confidencial:  Não  Sim, justifique:

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano:

O documento está sujeito a registro de patente?  Sim  Não O

documento pode vir a ser publicado como livro?  Sim  Não

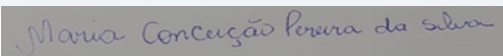
## DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O(a) referido(a) autor(a) declara:

- Que o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- Que obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autoria, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- Que cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Local

Data

  
Assinatura do autor e/ou detentor dos direitos autorais

Ciente e de acordo:



Assinatura do(a) orientador(a)